

O uso da ludoterapia na clínica psicanalítica com crianças vítimas de abuso sexual

The use of play therapy in psychoanalytic practice with children who are victims of sexual abuse

Ronaldo Gomes-Souza¹; Alvacir Siqueira da Silva Júnior²; Louhanny Helena Mendonça Rodrigues³; Mariana Rosa Rocha da Silva⁴; Mariana Bárbara Martins dos Santos⁵; Pedro de Leon Brito⁶

DOI: 10.51207/2179-4057.20250051

Resumo

O abuso sexual infantil é um crime que acarreta danos físicos, psíquicos e no pleno desenvolvimento da criança. Levando em consideração as contribuições dos estudos infantis da psicanálise e a combinação do poder psicopedagógico de técnicas da ludoterapia no processo terapêutico, levantamos uma questão/problema de pesquisa centrada em quais são os estudos que articularam psicanálise e ludoterapia, nos casos de abuso sexual infantil, e quais foram seus principais desdobramentos. Sendo assim, realizamos uma revisão de escopo com o objetivo de identificar as intervenções clínicas psicanalíticas que usaram da ludoterapia em crianças vítimas de abuso sexual, permitindo interpretações e descrições das singularidades desta temática. Os resultados dos sete artigos que atenderam os critérios de inclusão apontaram a escassez de estudos publicados sobre abuso sexual infantil, principalmente que articulavam intervenções de base psicanalítica e uso da ludoterapia. Entretanto, os estudos tiveram como principais contribuições e avanços na recomendação do uso da ludoterapia e base psicanalítica, especialmente no caso de abuso sexual infantil. Os resultados revelaram outras singularidades e limitações, como a baixa adesão dos responsáveis das crianças para comparecer às sessões e/ou dar continuidade no acompanhamento, comprometendo a qualidade e resultados ainda mais promissores e saudáveis. Conclui-se que os estudos as intervenções usadas nos estudos contribuíram significativamente no processo de elaboração e ressignificação dos traumas do abuso sexual das crianças e que uma abordagem multi, inter e transdisciplinar se faz necessária e no incentivo e concretização de formação continuada aos profissionais envolvidos; bem como ações de prevenção para diferentes comunidades.

Unitermos: Ludoterapia. Abuso Sexual Infantil. Psicanálise. Ressignificação.

Summary

Child sexual abuse is a crime that causes physical and psychological harm, as well as harm to the child's development. Taking into account the contributions of psychoanalytic studies on children and the combination of the psychopedagogical power of play therapy techniques in the therapeutic process, we raised a research question/problem centered on which studies have combined psychoanalysis and play therapy in cases of child sexual abuse, and what their main developments were. Therefore, we conducted a scoping review with the aim of identifying the psychoanalytic clinical interventions that used play therapy in child victims of sexual abuse, allowing interpretations and descriptions of the singularities of this theme. The results of the seven articles that met the inclusion criteria indicated the scarcity of published studies on child sexual abuse, especially those that combined psychoanalytic-based interventions and the use of play therapy. However, the studies had as their main contributions and advances in the recommendation of the use of play therapy and psychoanalytic basis, especially in the case of child sexual abuse. The results revealed other singularities and limitations, such as the low adherence of the children's guardians to attend the sessions and/or continue the monitoring, compromising the quality and even more promising and healthy results. It is concluded that the studies and interventions used in the studies contributed significantly to the process of elaboration and ressignification of the traumas of child sexual abuse and that a more multi, inter and transdisciplinary approach is necessary, as well as the encouragement and implementation of continued training for the professionals involved; as well as prevention actions for different communities.

Keywords: Play Therapy. Child Sexual Abuse. Psychoanalysis. Resignification.

Trabalho realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver.

1. Ronaldo Gomes-Souza – Doutor, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil. **2.** Alvacir Siqueira da Silva Júnior – Graduando, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil. **3.** Louhanny Helena Mendonça Rodrigues – Graduanda, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil. **4.** Mariana Rosa Rocha da Silva – Graduanda, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil. **5.** Mariana Bárbara Martins dos Santos – Graduanda, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil. **6.** Pedro de Leon Brito – Graduando, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil.

Introdução

A violência sexual pode ser definida como qualquer forma de violação dos direitos sexuais, em que os agressores se encontram em estágio de desenvolvimento mais avançado em relação à vítima. Essa conduta pode ser compreendida conforme a sua finalidade, tais como: para fins de satisfação sexual (abuso sexual), em troca de remuneração ou qualquer outra forma de recompensa (exploração sexual) ou o tráfico de crianças e adolescentes (Von Hohendorff & Patias, 2017).

O abuso sexual contra crianças cresceu principalmente entre 2015 e 2021, sendo o ápice em 2021, com 35.196 casos notificados, segundo dados do Ministério da Saúde (Brasil, 2023). Tal crime produz prejuízos psicossociais que repercutem em diferentes momentos e contextos da vida das vítimas. Portanto, faz-se necessário o estudo acerca dessa temática, especialmente sobre as formas de intervenção.

Em consonância com o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes (Brasil, 2013), o abuso e a exploração sexual estão inseridos no conceito de violência sexual, contemplando desde o ato libidinoso até a conjunção carnal de um adulto, a fim de sentir prazer, o que a difere da exploração sexual, visto que essa possui interesses financeiros. Há também como distinguir essa forma de violência das outras tomando como base suas características que, segundo o Governo Federal (Brasil, 2021), são: a presença de abuso de poder no qual o mais forte subjuga o mais fraco a fim de satisfazer seus desejos e vontades; ocorrência da violência psicológica, associada ou não à violência física; o silêncio imposto à vítima a fim de que não revele o abuso, mediado, ou não por ameaças plurais.

As implicações advindas do abuso sexual podem contemplar diversas esferas da vida da vítima. Segundo Vilà et al. (2013), pessoas abusadas têm maiores chances de desenvolver um comportamento retraído que pode deixá-las predispostas a serem revitimizadas, seja pelo próprio abuso sexual ou para outras violências. Entre as repercussões no âmbito sexual, algumas vítimas podem apresentar dificuldades com as relações sexuais ou até mesmo

constituírem condutas hipersexualizadas, além de outros quadros e/ou diagnósticos psicossociais que prejudicam as relações interpessoais e de aprendizagem em diferentes cenários e papéis que atuarem, bem como danos no quadro de saúde, bem-estar e qualidade de vida (da Silva Assis & Santos, 2019; Brasil, 2021; Lestrade et al., 2013; Brasil, 2023). Dessa forma, é possível verificar que tais consequências podem prejudicar significativamente a vindoura maturação cidadã das crianças como indivíduos adolescentes e adultos.

No Brasil, constata-se que, entre 2015 e 2021, foram denunciados 202.948 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, sendo 83.571 em crianças (Brasil, 2023). Esses dados revelam a necessidade de tanto especificar o público infantil que sofreu abuso sexual quanto apontar intervenções com psicoterapia. Dentre diferentes estratégias existentes, enfatizamos a abordagem psicanalítica, que visa ressignificar o trauma sofrido pelos sujeitos, construindo laços afetivos que fortalecem a relação analítica e viabilizam novas formas dos sujeitos lidarem com o conteúdo, de forma mais saudável (Cuoghi & Mouammar, 2014) e, combinado com estratégias da ludoterapia para as crianças, os resultados de melhoras são ainda mais promissores (Mastroianni et al., 2021).

Considerando a complexidade desse tema, faz-se necessário abordar o papel dos profissionais voltados para os cuidados com a saúde mental e acolhimento infantil, tais como os da psicologia, Psicopedagogia, psiquiatria, psicanalistas, entre outros, no processo de apoio às vítimas desse tipo de violência, em especial o uso da ludoterapia como ferramenta. Conceitualmente, o jogo é a maneira natural da criança se expressar e a ludoterapia está ancorada nesse pressuposto. É a partir do lúdico, isto é, da brincadeira, do uso de artifícios, instrumentos e/ou estratégias que estimulam as vivências, as experiências intersubjetivas da criança, facilitando o processo de desenvolvimento e aprendizagem, como o uso de brinquedos, cores, formas, estórias, que ela pode encontrar diferentes formas de se expressar com suas emoções, seus sentimentos, ideias, pensamentos, ações, pontos de vista, dúvidas,

entre outras dimensões e manifestações cognitivas, afetivas e sociais (Vasconcelos & Souza, 2022).

O lúdico, como modelo de terapia – ludoterapia – cria condições para que a criança tenha as suas vivências terapêuticas, brincando. E é no processo e no acesso ao brincar que é construído relações e correlações com os possíveis problemas da criança. A ludoterapia, então, possui base, efeitos e benefícios psicopedagógicos. Ela é a maneira pela qual profissionais conseguem compreender a expressão infantil e usar dessa ferramenta para benefícios psicoterapêuticos, acolhendo, escutando e criando um espaço seguro para a criança, mediado pelo brincar (Vasconcelos & Souza, 2022; Vieira et al., 2022).

Sob a perspectiva do educador Paulo Freire (1996/2019), a prática educativa envolve afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da transformação social. Nesse sentido, Junqueira (2002) destaca a relevância do brincar e dos recursos lúdicos como meios de facilitar a expressão emocional da criança, permitindo que suas experiências apareçam naturalmente no momento da brincadeira. Esse ambiente acolhedor contribui para que, com o tempo, as crianças se sintam seguras e revelam aspectos da violência sofrida, sentindo-se seguras para compartilhar suas experiências.

O enfoque psicopedagógico deve ser voltado a mitigar os impactos da violência sexual na aprendizagem, promovendo ações de autocuidado, envolvendo ensinar o que são comportamentos adequados e inadequados, os perigos da violência sexual, não só para a criança, mas para seus cuidadores também. Portanto, esse trabalho deve incluir o manejo do afeto, pois para que essas aprendizagens possam ocorrer é necessário que haja um vínculo afetivo (Pereira et al., 2021). Desse modo, é possível que a criança ressignifique a experiência traumática enquanto autora de sua história (Braga et al., 2007). Essas também são funções essenciais a serem desempenhadas pelo analista durante as sessões de ludoterapia.

Segundo Hirata e Baltazar (2006), uma grande parte das crianças vítimas de abuso sexual tem dificuldade de explicitar a violência que sofreu, permanecendo caladas, diversas vezes, pela vida

toda, escondendo o sofrimento e não procurando ajuda, podendo trazer maiores prejuízos. A vítima comumente cultiva comportamentos de inferioridade em relação a outras pessoas, o que pode estar relacionado com a relação de poder entre vítima e abusador. Essa inferioridade pode ser manifestada com a baixa autoestima, com seu autoisolamento e com a dificuldade de se relacionar.

Os principais efeitos psicossociais da violência sexual, conforme de Freitas e Farinelli (2016), são: depressão, que está ligada aos sintomas de inferioridade; transtorno de estresse pós-traumático, cujo trauma causa um sofrimento que prejudica significativamente o indivíduo; retraimento social, no qual o indivíduo tem dificuldade em se relacionar com outras pessoas.

No que tange o papel do psicólogo, bem como demais profissionais que acompanham o desenvolvimento e promovem terapias ao público infanto-juvenil vítimas de abuso sexual, Balbinotti (2009) enfatiza a relevância do momento de escuta às demandas da criança, baseado em prudência e profissionalismo, almejando prevenir novos danos psicológicos e amenizar o sofrimento psíquico. Logo, os profissionais devem estabelecer um vínculo de conforto, na medida do possível, com a vítima, ausente de qualquer tipo de julgamento.

Também, ao psicanalista cabe assumir o papel de intérprete, permitindo que novos significados se manifestem a partir da brincadeira. Os elementos do jogo e suas associações funcionam como vias de acesso ao conteúdo latente da criança, ou seja, revelam aspectos inconscientes dela (da Silva Assis & Santos, 2019). Ao brincar, a criança expressa simbolicamente seus desejos, angústias e conflitos internos, possibilitando ao analista compreender suas dinâmicas psíquicas e auxiliar na elaboração de suas emoções (Cordioli & Grevet, 2018).

De acordo com Froner e Ramires (2008), é importante que o comportamento da criança seja respeitado. A fala, quando expressada e estimulada no brincar, oferece um ambiente seguro e acolhedor, o qual estabelece vínculos seguros (Vasconcelos & Souza, 2022). Esses laços podem ter grande significância na relação interpessoal de forma positiva

no acompanhamento posterior. A ludoterapia é um recurso adequado para alcançar tais objetivos com crianças vítimas de abuso sexual, por meio da ética profissional e no compromisso de acompanhá-las com atenção e respeito.

Segundo Höfig e Zanetti (2016), a ludoterapia desempenha um papel central nas psicoterapias voltadas para crianças e adolescentes, sendo o brincar um mecanismo essencial para a interpretação dos conteúdos da criança. Dentre as possibilidades de psicoterapias (análises), destaca-se, aqui, a abordagem psicanalista. Höfig e Zanetti (2016) enfatizam as contribuições de Melanie Klein como pioneira ao reconhecer a necessidade da observação, estudos, interação e escuta das crianças, bem como o uso de recursos lúdicos como técnica principal na psicoterapia infantil, compreendendo que a criança expressa seus conflitos e angústias por meio da brincadeira. Além disso, a criança demonstra, por meio da brincadeira, as diversas formas de interação com seu mundo, ampliando o autoconhecimento, corroborando com os achados de Ferreira e Campos (2014).

Melanie Klein (1932/1997) argumenta que o brincar também é digno de substituir as associações livres, ou seja, a partir de tais constatações teóricas, ela afirma que é possível analisar crianças. Assim, a prática clínica com crianças pode revelar as profundezas ainda secretas do mundo das fantasias inconscientes da mais tenra infância. Além disso, Klein (1932/1997) fundou a técnica da análise pela atividade lúdica com crianças. O brincar se resume à atividade natural de uma criança e foi considerado por Melanie Klein (1932/1997) e Costa (2007) uma expressão simbólica da fantasia inconsciente. A criança, por meio das brincadeiras, expressa suas fantasias, seus desejos e suas experiências, detendo um elemento organizador essencial: a prevalência da fantasia e dos objetos internos sobre as experiências desenvolvidas no contato com a realidade externa.

Por outro lado, segundo Campos e Arruda (2014), em seu percurso para criar e desenvolver a psicanálise, Freud (1920/2016) não se ocupou diretamente da análise de crianças. No entanto, lançou as bases daquilo que viria a ser a psicanálise infantil

ao observar um menino de 18 meses brincando com um carretel de linha após o afastamento da mãe. Segundo as observações de Campos e Arruda (2014), conforme descrito por Freud (1920/2016) em sua obra *“Além do Princípio do Prazer”*, as brincadeiras na infância são uma forma inicial de atividade mental saudável.

No contexto de trauma por abuso sexual, Spagiari et al. (2020) destacam que quando o acontecimento não é explicitamente mencionado, a psicoterapia psicanalítica, incluindo o uso da ludoterapia, pode ajudar na recordação e elaboração do abuso, possibilitando pensar sobre o que não foi pensado. Mandelbaum et al. (2016) salientam que o trauma leva à busca por proteção e, conseqüentemente, à repetição, sendo fundamental seu planejamento para interromper a perpetuação da violência nas gerações seguintes.

Ainda segundo Spagiari et al. (2020), esse processo terapêutico, que integra a ludoterapia como uma ferramenta, busca interromper o ciclo de violência e promover o desenvolvimento saudável da criança, proporcionando um espaço seguro para a expressão e processamento emocional. Na ludoterapia, há a escolha de brinquedos para serem utilizados enquanto ferramentas terapêuticas. Essa escolha não ocorre aleatoriamente, mas, inconscientemente, de modo que eles são imbuídos das características e dos significados que a criança atribui a sua mãe. Isto é: as crianças escolhem brincar com os objetos que possam trazer para si um estado de calma diante das angústias (Arcangioli, 2021).

Para Winnicott (1975), a forma como a criança se relaciona com a brincadeira é mais importante que o objeto, já que no momento lúdico não há distinção entre ela e o mundo. Segundo Winnicott (1975), não é o objeto, diretamente, que é transicional, mas sim a mudança de estado em que está ligado à mãe e passa a ter uma relação mais significativa com os fatores externos. É neste momento que Winnicott (1975) observa uma maneira de o indivíduo encontrar a si mesmo, *self*, pois, a criatividade o permite utilizar de sua personalidade integral. Logo, a análise passa a ser considerada um ambiente com potencial para que haja a liberdade de duas pessoas

brincarem juntas. Então, percebe-se que, por meio desta interação, a pessoa é capaz de descobrir seu *self* e despertar sua criatividade, bem como a formação do amadurecimento.

Essa combinação terapêutica possibilita que a criança possa ter um pouco mais de controle sobre sua própria vida, dado que o momento lúdico proporciona momentos em que o infante cria seu próprio mundo, subjetivo, e em contrapartida trabalha na adaptação do mundo real, de forma objetiva, e esse conjunto proporciona o entendimento do mundo tangível sem a anulação de sua espontaneidade. O uso dos recursos lúdicos proporciona uma atenção maior e mais íntima na forma de elaboração e expressão da criança, acarretando redução dos danos decorrentes da situação de violência e melhoria na qualidade de vida (Vieira et al., 2022).

Levando em consideração as contribuições dos estudos infantis da psicanálise e a combinação do poder psicopedagógico de técnicas da ludoterapia no processo terapêutico, levantamos uma questão/problema de pesquisa centrada nas perguntas: quais foram os estudos que articularam psicanálise e ludoterapia, nos casos de abuso sexual infantil, e quais foram seus principais desdobramentos? Sendo assim, realizamos uma revisão de escopo com o objetivo de identificar as intervenções clínicas psicanalíticas que usaram da ludoterapia em crianças vítimas de abuso sexual, permitindo interpretações e descrições das singularidades desta temática.

Método

O artigo faz uso da revisão de escopo, cuja finalidade é identificar a produção de conteúdo sobre determinado tema, tendo como vantagem a possibilidade de apresentar uma gama ampla de tópicos e englobar diferentes tipos de estudos (Arksey & O'Malley, 2005; Cordeiro & Soares, 2019). Vale ressaltar que esse desenho metodológico não se propõe em buscar a melhor evidência disponível na literatura (Cordeiro & Soares, 2019). Para alcançar a proposta deste artigo, a revisão de escopo se faz importante e útil como metodologia, convergindo com a meta de mapear produções que abordem o uso da ludoterapia com crianças vítimas de abuso sexual.

Sendo assim, esse artigo segue as normas contidas no *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR), que guiam a elaboração da revisão de escopo (Tricco et al., 2018). O PRISMA-ScR engloba um conjunto de 22 itens, divididos em sete principais capítulos para a orientação da produção de trabalhos nessa metodologia (Cordeiro & Soares, 2019).

Para que haja uma eficiente seleção de artigos pertinentes a essa revisão de escopo, é necessário que sejam adotados critérios de inclusão e exclusão, filtrando os estudos encontrados. São eles:

Critérios de Inclusão:

- Artigos publicados em periódicos científicos, sem a determinação de data para seleção.
- Artigos publicados em língua portuguesa e/ou terem sido publicados no Brasil.
- A disponibilidade selecionada foi de livre acesso.
- Artigos com foco em intervenções a partir da ludoterapia em casos de abuso sexual infantil.
- Artigos utilizando o referencial teórico-metodológico psicanalítico.

Critérios de Exclusão:

- Intervenções ludoterapêuticas em grupo.
- Crianças que sofreram outros tipos de abusos que não foram sexuais.
- Estudos que não usaram como foco a expressão das emoções de crianças no *setting* terapêutico e os que não atendiam ao objetivo desta revisão.

As bases de dados consultadas foram: Google Acadêmico, PePSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e SciELO (Scientific Electronic Library Online) [Biblioteca Científica Eletrônica Online]. Na base de dados PePSIC foram encontrados zero artigos acadêmicos com os seguintes descritores: “abuso infantil” AND “ludoterapia” AND “psicanálise”; não importando a ordem dos descritores, o total não se alterou.

Na base de dados BVS, com os descritores (ludoterapia) AND (psicanálise) AND (abuso infantil) foi encontrado somente um artigo, porém, no idioma alemão, portanto, não estava no critério de inclusão; novamente, não importando a ordem, somente um único artigo foi encontrado.

Na base de dados SciELO, os mesmos descritores foram utilizados, “psicanálise” AND “ludoterapia” AND “abuso infantil”, e não foram encontrados artigos. Alterou-se a ordem para averiguar se essa variável influencia na base de dados, porém, qual-quer que fosse a ordem, não alterou o resultado.

Por fim, optou-se pelas pesquisas na base de dados do Google Acadêmico, conhecido por abranger uma ampla gama de revistas e periódicos. Nessa base de dados, a equipe fez buscas com os descritores “ludoterapia” AND “abuso sexual infantil”; usou-se também “ludoterapia” AND “abuso sexual”, outra busca utilizou os descritores “ludoterapia” AND “abuso sexual” AND psicanálise”, também foi utilizado “ludoterapia” AND “abuso infantil” e por fim “violência sexual” AND “infância” AND “psicanálise”.

Vale ressaltar que, apesar dos vários descritores, os artigos que apareceram foram os mesmos, a diferença das buscas se deu porque quanto mais descritores, mais resultados eram mostrados, porém apareceram diversas citações, e não artigos. No Google Acadêmico foram encontrados 38 artigos, porém sete constaram em todos os critérios, e por isso foram incluídos. O período de busca dos artigos iniciou-se a partir de janeiro de 2024, encerrando-se no dia 13 de março do mesmo ano. As análises de dados, discussão, otimização e processo de submissão ocorreram até dezembro de 2024.

A ordem seguida para avaliar os critérios dos 38 artigos selecionados foram: 1) Leitura do título e da metodologia buscando-se a abordagem psicanalítica embasando a ludoterapia para a população de crianças que sofreram abuso sexual, cujo resultado foi a exclusão de 26 artigos, restando 12; 2) Leitura do artigo na íntegra buscando confirmar se todos os critérios acima citados de inclusão foram apresentados; 3) Exclusão de cinco artigos após a leitura na íntegra, resultando em uma amostra total de sete artigos, conforme a Figura 1.

Resultados e Discussão

Os artigos que compõem a amostra final de estudos (n=7) foram organizados em uma tabela que categoriza cada artigo por título, ano e referência,

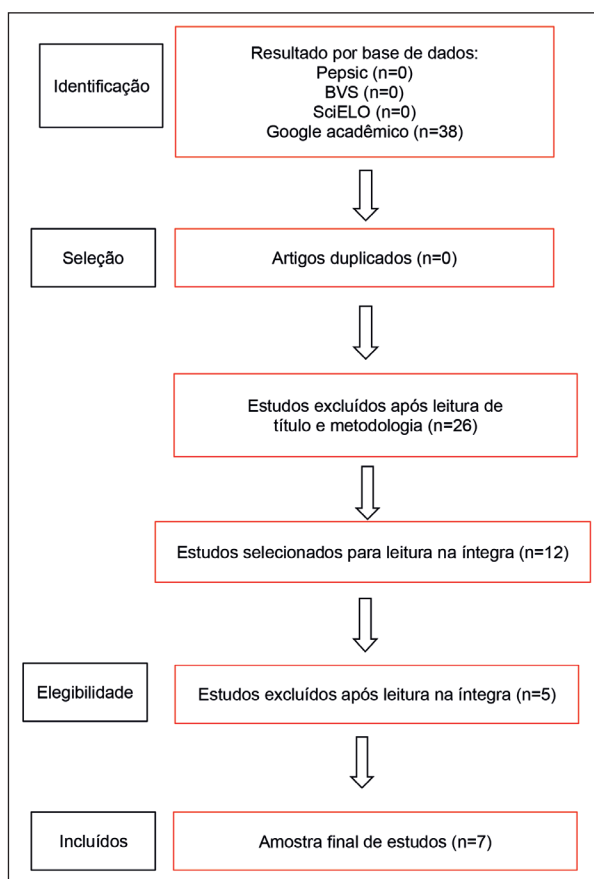
numerados de 1 a 7 com a finalidade de evidenciar os artigos selecionados. A Tabela 1 representa essa etapa.

Devido ao restrito volume de manuscritos publicados sobre a articulação dos temas propostos, torna-se desafiador ter um panorama geral da distribuição da produção acadêmica no território brasileiro. Para constituir a base de dados apresentada, foi necessário proceder sem uma definição de recorte de tempo para as buscas. A base de dados encontrada foi: um artigo no ano de 2005, um em 2013, um em 2015, um em 2019, um em 2020, dois em 2021.

Também se faz necessário evidenciar os métodos que constituíram o banco de dados do artigo, sendo: quatro estudos de caso, uma reflexão teórica, um

Figura 1

Fluxograma da seleção de artigos sobre a temática ludoterapia na clínica psicanalítica com crianças vítimas de abuso sexual



Fonte: Elaboração própria (Autores, 2025)

Tabela 1*Apresentação dos artigos selecionados*

Nº	Título do Artigo	Ano da publicação	Referência
1	O brinquedo terapêutico como modo de cuidar de crianças vítimas de violência	2005	Rocha et al. (2005)
2	Reflexões sobre a relação mãe-filho em um contexto de violência sexual infantil intrafamiliar: um estudo de caso	2021	Couto e Casarini (2021)
3	Cara a Cara com os personagens familiares e o uso elaborativo do jogo a partir de uma abordagem winnicottiana	2015	Lima e Kallas (2015)
4	Um olhar sobre o abuso sexual infantil	2019	De Oliveira e Sartori (2019)
5	O abuso sexual infantil e a comunicação terapêutica: um estudo de caso	2013	Medeiros (2013)
6	O segredo despido pelo brincar na clínica psicanalítica	2020	Spagiari et al. (2020)
7	Escutando o brincar num ambulatório de violência sexual infantil	2021	Tachibana e Barbosa (2021)

Fonte: Elaboração própria (Autores, 2025)

relato de experiência e uma análise de fatos clínicos. As amostras representam um avanço pequeno na produção de conhecimento científico, objeto de estudo desta revisão, resultando em poucos estudos e com amostras pequenas (predominantemente um único participante na maioria, e um único artigo com dois participantes) impedindo a generalização dos conhecimentos encontrados nas produções acadêmicas do banco de dados.

Outra característica que merece destaque são as limitações enunciadas pelos autores sobre os trabalhos do banco de dados. Afinal, no estudo de Medeiros (2013) e no de De Oliveira e Sartori (2019), foi evidenciada a baixa frequência dos responsáveis, o que impactou diretamente na construção do vínculo entre o terapeuta e o paciente.

O artigo de Medeiros (2013) apresenta uma relevante contribuição acerca de um estudo de caso de uma criança que sofreu violência sexual. Durante a psicoterapia de orientação psicanalítica, e o uso da ludoterapia, houve alguns imbróglis que dificultaram o processo, por exemplo, a baixa frequência de comparecimento da criança, como decisão de sua genitora, que se mostrou menos disposta ao tratamento. Ademais, a autora aponta a descredibilidade dos relatos infantis, atitude vinda do genitor, que visa negar a realidade considerada dolorosa, ação já descrita por Azevedo (2001). O

artigo confirma a hipótese da expressão dos sentimentos infantis através dos momentos lúdicos e dos desenhos, contudo, esse último não é o foco da presente revisão, mas é salientado que a criança conseguiu investir libidinalmente em outras atividades após o acompanhamento psicoterápico e que a ludoterapia pode estabelecer contato e confiança na transferência (Medeiros, 2013).

Outra contribuição é proveniente da pesquisa de De Oliveira e Sartori (2019) que realizaram um estudo de caso de uma criança do sexo feminino com 4 anos de idade. Houve também neste caso a baixa frequência de comparecimento, o que prejudicou a adesão completa do tratamento. As autoras relatam que, na primeira sessão com a criança, ela já menciona ter sonhado com a terapeuta, ato que demonstra a consolidação da transferência sem maiores entraves.

A ludoterapia consistiu, entre outras atividades lúdicas, na reprodução da dinâmica familiar com a casinha de bonecas. A boneca que representava a psicóloga estava sempre ao lado da criança, o que sugere a importância dos objetos na ludoterapia, como mencionado anteriormente. A criança também se esquivava bastante dos assuntos mais traumáticos, chegando a verbalizar seu desejo de evitar a terapia em algumas sessões, o que sugere a utilização de mecanismos de defesa para fugir das

lembranças traumáticas. Apesar disso, os resultados permitem inferir que o processo terapêutico foi benéfico para a criança que conseguiu manifestar relatos sobre os acontecimentos que eram anteriormente mantidos em segredo (De Oliveira & Sartori, 2019).

Outro importante subsídio é o estudo de caso elaborado por Couto e Casarini (2021), realizado no ambulatório especializado na assistência em saúde de crianças expostas à violência sexual, no intuito de compreender como se dá a relação mãe-filho em contexto de suspeita de violência sexual intrafamiliar. Tanto a criança quanto a mãe foram atendidas conforme as bases psicanalíticas winnicottianas relacionadas ao modo de ser do indivíduo e às angústias presentes na relação entre mãe e filho no contexto da violência sexual, sendo utilizada a ludoterapia como ferramenta psicoterápica.

O menino acompanhado tinha 7 anos de idade e estava sob suspeita de ter sido vítima de abuso sexual praticado por seu padrasto. A criança apresentava um comportamento inseguro, tímido, com dificuldades para iniciar interações com outras pessoas, recusando-se a sair de perto de sua mãe. Entre as atividades de ludoterapia, destacam-se a produção de desenhos e construção de brinquedos com papelão, permitindo que, de acordo com as autoras, a criança se posicionasse com maior espontaneidade e confiança, promovendo maior aproximação da mãe, além de desenvolver mais abertura para exploração dos recursos ofertados no atendimento.

O artigo de Lima e Kallas (2015) evidencia a importância da psicanálise infantil, utilizando recursos lúdicos para facilitar o crescimento, os relacionamentos grupais e a comunicação na terapia infantil. Os autores realizaram um estudo de caso com uma criança de 8 anos na qual ambos os pais enfrentavam acusações de abuso sexual contra o infante e, por consequência, a criança foi levada ao atendimento psicológico com sintomas de irritação, comportamento adulto, e sexualização excessiva. Durante as sessões foram usados os recursos lúdicos com a vítima. Ao final, os autores concluíram que, ao longo da terapia, facilitada pela atividade lúdica, a criança conseguiu resgatar uma vivência infantil

segura, apesar de inicialmente se apresentar como uma criança transtornada pelos traumas sofridos.

Rocha et al. (2005), em sua reflexão teórica, apresentam o brinquedo terapêutico, uma técnica derivada da ludoterapia e implementada por cuidadores ou familiares. O uso desse recurso lúdico também tem como objetivo principal, de acordo com os autores, amenizar as sequelas do abuso sexual, e não é diretivo, permitindo que a criança se expresse de forma confortável, possibilitando o estímulo de seu desenvolvimento nas áreas de socialização e linguagem.

O artigo de Spagiari et al. (2020) é um estudo de caso que apresenta a análise de relatórios das sessões de atendimento psicoterápico, que começaram após a escola da criança identificar sinais de introspecção durante as sessões, o que fez surgir suspeitas de abuso sexual. Durante as atividades lúdicas, os pesquisadores se sentiram desconfortáveis com algumas falas da criança que, em vários momentos, deixou implícito os conceitos negativos sobre si mesma. Um fragmento que corrobora essa hipótese aparece em uma das sessões, onde ela diz: “queria ser o tapete, mas não estava conseguindo achar uma porta para a casa” (p. 7). Para os autores, essa frase significaria um certo sentimento de inutilidade alinhado com a serventia e a falta de limites sobre ela.

Em outro momento, Spagiari et al. (2020) relatam que a criança revelou que alguns familiares fizeram algo a ela e a mesma não gostou, mas não conseguiu especificar o que foi. O sentimento de não poder contar o ocorrido para outra pessoa fez com que ela se desequilibrasse e caísse da cadeira. Em uma sessão, a menina, rindo, contou que possuía uma parte do corpo que se chamava “chuta” (p. 13) e que sem ela não poderia se mover. A terapeuta teve a impressão de que a palavra que ela queria usar era “xota” (p.13). Este episódio, em conjunto ao momento em que a menina verbaliza as palavras “glitter, grita, grito, grita, grite” (p. 13), conduziu os pesquisadores a interpretar que essa criança precisava externalizar o abuso que havia sofrido para poder seguir com sua vida. Nesse contexto, a revelação do abuso sexual foi facilitada pelo uso do recurso lúdico do brincar.

Outra contribuição vem do artigo de Tachibana e Barbosa (2021), um relato de experiência em que uma vítima de abuso sexual foi acompanhada para prestar seu depoimento emergencial. Logo na primeira sessão, a criança comunica que não gosta mais de brincar, o que, segundo os pesquisadores pode ser uma tentativa de defesa, pois durante esse momento houve uma aposta arriscada ao insistir que a criança brincasse, o que levantou a seguinte dúvida aos autores “Lis não queria brincar ou não se via em condições de abandonar uma postura mais associada a uma defesa do tipo falso *self*?” (p. 147). Embora essa abordagem tenha sido arriscada por talvez não estarem lidando com o falso *self*, foi certo, pois a criança pediu para brincar mais, reforçando a importância de priorizar a necessidade de criar um bom vínculo neste primeiro momento.

Durante uma parte da sessão, Tachibana e Barbosa (2021) propuseram uma atividade de criação de história. Nessa dinâmica, a criança desenvolveu partes da história relacionadas com a violência sexual sofrida, além de indicar algumas posturas de Lis que sugeriram a existência de um falso *self*, como no trecho em que ela brinca com patinhos e faz uma narrativa em que os pais deles serão heróis, mas logo depois se desilude com essa expectativa. O uso das diversas estratégias lúdicas utilizadas auxiliou de forma ativa a comunicação da criança, além de conseguir resgatar sua espontaneidade, o que pode ser sustentado pelo momento em que ela apresentou prontamente uma solução para continuar jogando em uma das atividades lúdicas.

Considerações

Conclui-se que o uso da ludoterapia na clínica psicanalítica com crianças vítimas de abuso sexual se mostrou promissor, com resultados positivos em relação ao acesso do conteúdo traumático, bem como possibilidades de ressignificação das violências e sofrimentos que atravessaram e constituíram as vivências de abuso sexual.

O artigo buscou identificar as intervenções clínicas através da teoria psicanalítica e os mecanismos que a criança, vítima de abuso sexual, utiliza em suas expressões durante as sessões lúdicas. Foi

possível notar que as principais conquistas nos processos psicoterapêuticos com uso de ferramentas da ludoterapia foram a redução do impacto do abuso sexual no desenvolvimento, o êxito infantil de elaborar o evento traumático, a maior espontaneidade e confiança na postura infantil. Esses fatores resultam na possibilidade de melhor qualidade de vida das crianças, vítimas de abuso sexual.

Ainda é cedo pensar em intervenções baseadas somente na abordagem psicanalítica através da ludoterapia para crianças vítimas de abuso sexual. Afinal, as amostras eram restritas e o número de artigos reduzido. Essa é uma limitação que deve ser superada com o incentivo de pesquisas visando a melhor forma de auxiliar no processo terapêutico infantil dentro dessa temática.

No que se refere ao êxito da ludoterapia como ferramenta psicopedagógica, foi possível verificar que ele se faz presente no âmbito da sala de aula, relacionado à viabilização do aprendizado das crianças, mas também à maneira como elas se relacionam consigo, com os colegas e com os responsáveis por elas. É por meio do brincar que elas também se expressam sobre diversos temas e sensações que as mobilizam, que afetam outros setores de suas vidas. Vale destacar que tais contribuições não devem interessar apenas aos psicólogos, pedagogos e professores, mas também adotar uma perspectiva multi, inter e transdisciplinar no compromisso de colaborar com a maturação saudável desse público infantil.

Para sugestões futuras, vale destacar o investimento em estudos que abordem a relação dos responsáveis e crianças, bem como a visão dos profissionais que interagem com o público infanto-juvenil, como psicólogos, pediatras, psiquiatras, psicanalistas, psicopedagogos, entre outros responsáveis pelo caso, e averiguar se os Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) possuem materiais ludoterapêuticos em boas condições, bem como demais recursos adequados e suficientes de proporcionar um espaço acolhedor às vítimas, o que requer, outrossim, na formação continuada de toda equipe envolvida, especialmente no serviço público,

e investimento em estratégias preventivas de amplo alcance como constituinte da formação cidadã. Por fim, essa pesquisa tem a finalidade de contribuir para o avanço científico na psicologia comprometida com o contexto social e com a ciência.

Financiamento

Apoio: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

Referências

- Arcangioli, M. A. (2021). Introdução à obra de Winnicott. In J. D. Nasio (Org.), *Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan* (12ª reimpressão., V. Ribeiro, Trad.). Zahar.
- Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International journal of social research methodology*, 8(1), 19-32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>
- Azevedo, E. C. D. (2001). Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(4), 66-77. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000400008>
- Balbinotti, C. (2009). A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. *Direito & Justiça*, 35(1), 5-21. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fadir/issue/view/478>
- Braga, S. D. S., Scoz, B. J. L., & Munhoz, M. L. P. (2007). Problemas de aprendizagem e suas relações com a família. *Revista Psicopedagogia*, 24(74), 149-159. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862007000200006&script=sci_arttext
- Brasil. Governo Federal. (2021). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional*. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/CartilhaMaiolaranja2021.pdf>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2023). *Boletim Epidemiológico: Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2005 a 2021*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/novo-boletim-epidemiologico-aponta-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil>
- Brasil. Secretaria dos Direitos Humanos. (2013). *Plano nacional de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes*. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, ECPAT Brasil. Secretaria dos Direitos Humanos. <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:US:5b9c4ac5-b9e1-4889-b8c0-6a34659a5824>
- Campos, L. K. S., & Arruda, S. L. S. (2014). Brincar como meio de comunicação na psicoterapia de crianças com mutismo seletivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 5(2), 15-33. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2014v5n2p15>
- Cordeiro, L., & Soares, C. B. (2019). Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. *Boletim do Instituto de Saúde-BIS*, 20(2), 37-43. <https://doi.org/10.52753/bis.2019.v20.34471>
- Cordioli, A. V., & Grevet, E. H. (2018). *Psicoterapias: Abordagens Atuais*. Artmed.
- Costa, T. (2007). *Psicanálise com crianças* (1ª ed.). Editora Zahar.
- Couto, L. D., & Casarini, K. A. (2021). Reflexões sobre a relação mãe-filho em um contexto de violência sexual infantil intrafamiliar: um estudo de caso. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 9(1), 169-179. <https://www.redalyc.org/journal/4979/497968968016/html/>
- Cuoghi, M. C., & Mouammar, C. C. E. (2014). Atendimento psicoterapêutico para crianças vítimas de violência sexual: projeto Sarauzinho. *Revista Ciência em Extensão*, 10(3), 210-218. https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1021
- da Silva Assis, D., & Santos, M. M. V. F. (2019). Importância do Ludodiagnóstico e do brincar na Psicanálise Infantil. *Revista Mosaico*, 10(2Supp), 16-25. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1765>
- de Freitas, M. L., & Farinelli, C. A. (2016). As consequências psicossociais da violência sexual. *Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea*, 14(37), 270-295. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/25400>
- de Oliveira, V. C., & Sartori, C. M. T. D. (2019). Um olhar sobre o abuso sexual infantil. *Cadernos de Psicologia*, 1(2), 846-863. <https://doi.org/10.5281/zenodo.13899113>
- Ferreira, L. J. S., & Campos, M. (2014). O brincar e sua função no processo analítico infantil. *Connection Line- Revista Eletrônica do Univag*, (11), 123-145. <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/41>
- Freire, P. (2019). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (74ª ed.). Paz & Terra. (Original publicado em 1996).
- Freud, S. (2016). *Além do princípio de prazer* (1ª ed.). L & PM Pocket. (Original publicado em 1920).
- Froner, J. P., & Ramires, V. R. R. (2008). Escuta de crianças vítimas de abuso sexual no âmbito jurídico: uma revisão crítica da literatura. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(40), 267-278. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000200005>
- Hirata, P. Q., & Baltazar, J. A. (2006). Os efeitos psicossociais causados em vítimas de abuso sexual. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, 22(43), 92-94. <http://publicacoes.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/1246>
- Höfig, J. A. G., & Zanetti, S. A. S. (2016). Good enough setting and clinical handling in child psychotherapy: a

- case study. *Estilos da Clínica*, 21(1), 45-62. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p45-62>
- Junqueira, M. F. P. S. (2002). Violência e abuso sexual infantil: uma proposta clínica. *Cadernos de Psicanálise (Rio de Janeiro 1982)*, 18(21), 209-226. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-353510>
- Klein, M. (1997). *A Psicanálise de crianças* (1ª ed.). Imago. (Original publicado em 1932).
- Lestrade, K. N., Talbot, N. L., Ward, E. A., & Cort, N. A. (2013). High-risk sexual behaviors among depressed Black women with histories of intrafamilial and extrafamilial childhood sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 37(6), 400-403. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2013.01.004>
- Lima, M. G. R., & Kallas, R. G. M. (2015). Cara a cara com os personagens familiares: o uso elaborativo do jogo a partir de uma abordagem winnicottiana. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 36(2), 43-52. <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2015v36n2p43>
- Mandelbaum, B., Schraiber, L. B., & d'Oliveira, A. F. P. (2016). Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero. *Saúde e Sociedade*, 25(2), 422-430. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016145768>
- Mastroianni, F. de C., Alves, A. A. R., Fernandes, A. B. A., & Leão, A. M. de C. (2021). Violência sexual infantojuvenil: contribuições e responsabilidades dos profissionais de psicologia. *Estudos Interdisciplinares Em Psicologia*, 12(1supl), 40-62. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2021v12n1supl40>
- Medeiros, A. P. (2013). O abuso sexual infantil e a comunicação terapêutica: um estudo de caso. *Pensando Famílias*, 17(1), 54-62. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2013000100006&script=sci_arttext
- Pereira, F. V. L., Silva, D. M. F., Timbó, M. S. T., Leitão, C. S., Leitão, A. C. S. B., & Lourinho, L. A. (2021). Child sexual abuse and learning: possible paths in psychopedagogy. *Research, Society and Development*, 10(12), e39101220047. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i12.20047>
- Rocha, P. K., Prado, M. L. D., & Kusahara, D. M. (2005). O brinquedo terapêutico como um modo de cuidar de crianças vítimas de violência. *Ciência, Cuidado E Saúde*, 4(2), 171-176. <https://shre.ink/Mwzb>
- Spagiari, N. T. B., Salvador, I. N., Barbeiro, F. S., & Reis, M. E. B. T. (2020). O segredo despido pelo brincar na clínica psicanalítica. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 9(16), 1-19. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972020000100003&lng=pt&tlng=pt
- Tachibana, M., & Barbosa, P. C. (2021). Escutando o brincar num ambulatório de violência sexual infantil. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 12(1), 88-114. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2021v12n1supl138>
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garrity, C., Lewin, S., ... Straus, S. E. (2018). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467-473. <https://doi.org/10.7326/M18-0850>
- Vasconcelos, A., & Souza, S. (2022). Ludoterapia e alteridade: uma experiência de ludoterapia grupal à luz de Lévinas. *Psicologia em Estudo*, 27, 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.47800>
- Vieira, G. M. O., Soares, J. M., Pereira, L. C. C., Gomes, S. A. V. P., & Andrade, L. D. A. S. (2022). O uso de recursos lúdicos no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS*, 7(2), 78-88. <https://periodicosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/fitshumanas/article/view/10296>
- Vilã, G. D., Littlewood, R., & Leavey, G. (2013). Integration of sexual trauma in a religious narrative: Transformation, resolution and growth among contemplative nuns. *Transcultural Psychiatry*, 50(1), 21-46. <https://doi.org/10.1177/1363461512469066>
- Von Hohendorff, J., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, 49, 239-257. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (1ª ed.). Imago Editora. <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/WINNICOTT-O-Brincar-e-a-Realidade.pdf>

Correspondência

Ronaldo Gomes-Souza
 Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
 Av. General Rodrigo Octávio, 6200 -
 Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho -
 Setor Sul, Bloco H - Coroado I -
 Manaus, AM, Brasil - CEP 69080-900
 E-mail: ronaldopsicologo@ufam.edu.br



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.